



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

16928 - Resumo Expandido - Trabalho - XV Reunião ANPEd Sul (2024)

ISSN: 2595-7945

Eixo Temático 10 - Ensino Fundamental

**MODOS DE SUBJETIVAÇÃO E DISCURSIVIDADES POLÍTICAS BRASILEIRAS
ACERCA DE ESTUDANTES COM TEA**

Islaila Silva Ribeiro - PPGEDU/UFRGS

Mariana Felimberti Schmitz - UFRGS - Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Roseli Belmonte Machado - UFRGS - Universidade Federal do Rio Grande do Sul

**MODOS DE SUBJETIVAÇÃO E DISCURSIVIDADES POLÍTICAS BRASILEIRAS
ACERCA DE ESTUDANTES COM TEA**

Resumo: Este estudo tem como objetivo problematizar a produção de discursividades, a partir de falas e manifestações de políticos brasileiros, sobre estudantes com TEA e a escola. Trata-se de um estudo com inspirações pós-estruturalistas, a partir de teorizações de Michel Foucault acerca da relação saber-poder-verdade e modos de subjetivação. Para tal, a pesquisa terá como operador metodológico a cartografia, pois ela possibilita inverter o sentido de método tradicional e mapear discursividades. A pesquisa analisa como algumas falas e manifestações, proferidas por figuras políticas podem ser entendidas como discursividades que contribuem para a construção de verdades e modos de subjetivação acerca dos estudantes com TEA na educação. Nos achados, percebemos a construção de uma discursividade medicalizadora e patologizante e outra que ataca as políticas de inclusão. Por fim, constatamos que a elaboração de políticas e práticas inclusivas permanece um desafio constante, com os discursos políticos desempenhando um papel crucial na formação dessas políticas.

Palavras-chave: TEA. Discurso. Escola. Inclusão.

1. Introdução:

Dos diferentes temas que circulam entre os debates educacionais na Contemporaneidade, podemos inferir que a inclusão e seus desdobramentos se tornaram uma das temáticas mais emergentes e desafiadoras nas discussões sobre educação no Brasil, suscitando opiniões e posicionamentos de diferentes ordens, inclusive políticos. Seja para quem está dentro da escola, vivenciando práticas de in/exclusão escolar, seja para pessoas fora deste espaço, a inclusão parece engendrar diferentes atores que se sentem convocados a contribuir com o debate.

Interessado na discussão acerca da inclusão brasileira e seus desdobramentos, o presente artigo terá como enfoque o Transtorno do Espectro Autista (TEA), e as discursividades produzidas em discursos de figuras políticas sobre esses estudantes. Objetivamos, assim, contribuir com diferentes estudiosos e teóricos que estão, na atualidade, discutindo sobre as políticas inclusivas e as reverberações dentro e fora da escola, focalizando nos estudantes com TEA por compreender que estamos diante de um campo de disputas e de diferentes saberes que acabam por construir verdades acerca de tais estudantes.

Sob a ótica dos estudos pós-críticos em educação, especialmente a partir das teorizações de Michel Foucault acerca da relação saber-poder-verdade, o TEA emerge como um campo de disputa entre saberes divergentes, onde diferentes concepções competem pela legitimação e imposição de suas verdades. Nesse contexto, compreendemos que não há complementaridade entre as abordagens, mas sim uma arena em que discursos médicos, psiquiátricos, neurológicos, psicológicos e neuropsicopedagógicos se entrelaçam. Tais discursos, ao produzirem verdades, não são dissociados de relações de saber-poder (Foucault, 2006).

Cada discurso busca não apenas descrever o TEA, mas também influenciar as práticas e as políticas educacionais associadas, configurando um campo de forças onde diferentes regimes de verdade se confrontam, influenciando nos modos de subjetivação dos sujeitos diagnosticados e as intervenções pedagógicas destinadas a eles. Foucault (2011) nos ajuda a entender que esses discursos não são neutros, mas carregados de relações de poder, onde o saber se articula como uma forma de controle e normatização dos corpos e mentes. Por compreender que a subjetividade é fabricada e modelada no registro social (Guattari; Rolnik, 1996), justificamos a pertinência e relevância deste artigo por ampliar um debate bastante

acalorado, mas com contornos específicos acerca da construção de modos de subjetivação de estudantes com TEA, problematizando as implicações éticas e políticas dessas disputas discursivas na educação, especialmente quando figuras políticas se somam à conversa.

Ao investigar as discursividades produzidas nas falas proferidas por políticos, este estudo analisa como essas falas constroem verdades e podem construir modos de subjetivação para estudantes com TEA na educação. Através da cartografia, tentaremos mapear essas narrativas para entender possíveis efeitos para as políticas educacionais e práticas escolares. A análise desses discursos permite problematizar elementos que estão em jogo na linguagem, promovendo uma reflexão sobre a inclusão escolar e os processos de subjetivação, destacando as complexidades e desafios enfrentados na educação de estudantes com TEA no contexto brasileiro.

2. Metodologia:

O objetivo do estudo está em problematizar a produção de discursividades, a partir de falas e manifestações de políticos brasileiros, sobre estudantes com TEA e a escola. As contribuições de Michel Foucault nos inspiram para o método cartográfico de pesquisa a fim de constituir *o corpus* de análise. Aqui, compreendemos a pertinência de tal operador metodológico, na medida em que a cartografia, conforme Gilles Deleuze e Félix Guattari (1996), oferece abertura e movimento em uma pesquisa que pretende ir na contramão do conceito tradicional de método, assim como tantos autores pós-estruturalistas se propuseram, sem implicar em falta de orientação, mas sim uma valorização da processualidade e da cartografia enquanto relevância no estudo da subjetividade e em outros.

Utilizamos a metodologia de cartografia para mapear e analisar os discursos de figuras políticas brasileiras sobre TEA e educação. A cartografia proposta neste trabalho permite o mapeamento e uma análise das narrativas, destacando as relações de poder e modos de subjetivação que ali emergem. A cartografia facilita a compreensão das relações de poder e modos de subjetivação presentes nos discursos políticos. O método possibilita um mapeamento das falas políticas, marcando como contribuem para a construção de verdades em torno do TEA na educação.

O uso da cartografia como método de pesquisa se justifica à medida em que traça, no percurso, suas metas. Ou seja, a cartografia é utilizada para possibilitar uma pesquisa que não se preocupa em fixar regras ou objetivos previamente estabelecidos, mas investigar um processo de produção. (Kastrup; Passos & Barros, 2009).

A metodologia empregada baseou-se na coleta de dados por meio de pronunciamentos, entrevistas e documentos oficiais disponíveis em fontes públicas. Encontramos matérias e notícias em portais de internet, como as declarações dos vereadores Eúde Lucas, portal Poder360 (2023), e Wellington Lousado Pereira, portal Terra (2024). Bem como, as declarações do ex-presidente Jair Bolsonaro, Estadão (2021) e do ex-Ministro da Educação Milton Ribeiro, Correio Braziliense (2021).

Os materiais foram analisados através das lentes teórico-metodológicas da relação de saber-poder-verdade a partir da teorização foucaultiana em que “saberes” é compreendido como “teorias sistemáticas que se manifestam por meio de discursos científicos tidos por verdadeiros, positivos e, por isso, aceitos e tomados em toda a sua positividade” (Foucault, 2011, p.44). Tais lentes possibilitam colocar em análise como se produzem discursividades que contribuem para a produção de verdades e acionam mecanismos de poder sobre estudantes com TEA.

3. Análise e Discussão de Resultados:

Os materiais analisados nos permitem afirmações que trazemos a seguir considerando duas situações de construções de discursividades a partir dos pronunciamentos, falas e manifestações políticas: a construção de uma discursividade medicalizadora e patologizante e a construção de uma discursividade que ataca as políticas de inclusão.

A) Discursividade medicalizadora e patologizante

A análise das discursividades políticas em torno dos estudantes com transtorno do espectro autista (TEA) indica, num primeiro momento, uma tendência de medicalização e patologização das condições e modos de vida desses sujeitos. Tal perspectiva pode ser evidenciada através de declarações como a do vereador do PDT, Eúde Lucas (PODER360, 2023) que, ao discursar na Câmara de Jucás (Ceará), afirmou: *“Pela declaração que os artistas, os autores, sei lá... tá rondando. Eu digo ‘eu era autista’, só que meu pai tirou o autista na peia. Naquele tempo tirava autista era na chibata.”* A fala do vereador reforça estigmas ao associar o TEA a uma suposta indisciplina infantil, que, segundo sua visão, poderia ser "corrigida" por meio de violência física. Essa discursividade contribui com uma visão patologizante - já existente na sociedade - que desconsidera a necessidade de uma abordagem inclusiva e promove a legitimação de práticas punitivas e a perpetuação de estereótipos.

Além disso, a fala de um vereador em São Paulo, Wellington Lousado Pereira (PTB), ao dirigir-se a outro colega, "*Corta o microfone do vereador autista. Autista, o senhor é um autista. O senhor é um louco, para mim*" (Terra, 2024), corrobora com uma visão estigmatizada e patologizante do TEA, associando a condição a um déficit ou problema a ser corrigido. Ademais, busca depreciar o outro, mostrando uma leitura capacitista.

A análise das falas dos vereadores parece evidenciar como essas manifestações podem construir uma discursividade política que pode atuar na construção ou na perpetuação de práticas e técnicas de poder que acabam por patologizar e estigmatizar os estudantes com TEA. As declarações acima mencionadas circunscrevem o TEA dentro de uma lógica disciplinar, onde tal condição é vista como uma anomalia, um defeito que deve ser corrigido, numa tentativa de moldar o sujeito, reforçar estereótipos, regulando os modos de vida pessoas com TEA e produzindo efeitos nos modos de subjetivação dos estudantes, produzindo verdades a partir de discursos que patologizam comportamentos e invalidam diferentes experiências de singularização e de vida na e fora da escola.

B) Discursividades que atacam as políticas de inclusão

Um segundo conjunto que trazemos diz respeito à compreensão da formação de uma discursividade política relacionada a atacar às políticas educacionais inclusivas. Ao serem difundidas por figuras de autoridade, podem produzir efeitos na maneira como a sociedade compreende a inclusão e as práticas inclusivas de estudantes, no caso deste texto em específico, com TEA.

Em 2021, durante seu mandato como Ministro da Educação, Milton Ribeiro declarou que "*existem crianças com um grau de deficiência que é impossível a convivência*" e que "*nós não queremos o inclusivismo, criticam essa minha terminologia, mas é essa mesmo que eu continuo a usar*" (Correio Braziliense, 2021). As falas do ministro vão ao encontro da fala do ex-presidente, Jair Messias Bolsonaro, "*O pessoal acha que juntando tudo, vai dar certo. Não vai dar certo. A tendência é todo mundo ir na esteira daquele com menor inteligência. Nivela por baixo*" (Estadão, 2021). Essas declarações exemplificam uma discursividade que não apenas questiona, mas ataca diretamente as políticas de inclusão brasileiras, construindo verdades e modos de subjetivação a partir da ideia de que alguns estudantes não deveriam estar em escolas regulares, mas sim em escolas especiais. Tal posicionamento reverbera uma visão segregacionista, que desconsidera os avanços na educação inclusiva e colabora com práticas de exclusão desses estudantes no ambiente escolar comum.

A análise dessas falas, que constituem certas discursividades, indica que a inclusão

escolar de estudantes com TEA é um tema complexo e multifacetado. As figuras políticas apresentam perspectivas e abordagens sobre como a inclusão deve ser implementada, refletindo suas próprias crenças e valores. Essa diversidade de opiniões contribui para a formulação de políticas públicas que são, muitas vezes, contraditórias e inconsistentes, mas que podem estar presentes e reverberar no cotidiano escolar.

4. Considerações Finais:

Este texto acerca dos modos de subjetivação de estudantes com TEA acompanha uma arena de intensos debates que envolvem o diagnóstico e os estudantes com Transtorno do Espectro Autista, uma vez que a inclusão destes estudantes nas escolas regulares tem sido um tópico de intenso debate, com significativas implicações dentro e fora da escola.

Nota-se, a partir da análise e discussão dos resultados apresentados a construção de uma discursividade medicalizadora e patologizante, juntamente com uma discursividade que ataca as políticas de inclusão. As falas trazidas foram mapeadas pelo método cartográfico, uma vez que este estudo objetivou problematizar a produção de discursividades, a partir de falas e manifestações de políticos brasileiros sobre estudantes com TEA e a escola, e para que possamos colocar em discussão as dinâmicas de poder e a construção de verdades que permeiam políticas e práticas educacionais relativas ao TEA. Outrossim, a elaboração de políticas inclusivas e práticas pedagógicas adequadas às necessidades dos estudantes com TEA permanece um desafio constante, com os discursos políticos desempenhando um papel crucial na formação dessas políticas.

Essas discursividades poderão ter implicações significativas na formulação de políticas públicas e na prática educacional, influenciando a percepção e o tratamento dos estudantes com TEA nas escolas. É preciso promover o encontro com a diferença e a inclusão, evitando a patologização e estigmatização dos estudantes com TEA.

5. Referências:

CORREIO BRAZILIENSE. Ministro da Educação diz que alunos com deficiência 'atrapalham' demais estudantes. 2021. Disponível em: [link](#) Acessado em 01 ago. 2024.

ESTADÃO. Bolsonaro afirma que educação inclusiva "nivela por baixo". 2021. Disponível em: [link](#). Acesso em: 01 ago. 2024.

FOUCAULT, Michel. A arqueologia do saber. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

- FOUCAULT, M. Ditos e escritos, volume 10: filosofia, diagnóstico do presente e verdade. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2011.
- GUATTARI, Félix; ROLNIK, Suely. Micropolítica: Cartografias do desejo. Petrópolis: Vozes, 1996.
- HARAWAY, Donna. Manifesto ciborgue. São Paulo: Editora 34, 2009.
- KASTRUP, V. O funcionamento da atenção no trabalho do cartógrafo. In: PASSOS, E. KASTRUP, V.; ESCÓSSIA, L. (Org.). *Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade*. Porto Alegre: Sulina, 2009. p. 32-51.
- LOPES, Maura Corcini. Educação inclusiva: Políticas e práticas. Porto Alegre: Mediação, 2007.
- PASSOS, E. BARROS, R. D. B. A cartografia como método de pesquisa-intervenção. In: PASSOS, E. KASTRUP, V.; ESCÓSSIA, L. (Org.). *Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade*. Porto Alegre: Sulina, 2009. p. 17-31.
- PODER360. Vereador do PDT diz que autismo se cura na chibata 2023. Disponível em: [link](#). Acesso em: 01 ago. 2024.
- SILVA, Tomaz Tadeu da. Documentos de identidade: Uma introdução às teorias do currículo. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.
- TERRA. Vereador em SP é alvo de pedido de cassação após fala capacitista em sessão. 2024. Disponível em: [link](#). Acesso em: 01 ago. 2024.